

O HERALDO

Editor,
JOSE MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Composição e impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

CARTA DE LISBOA

Fervet opus... Nem as festas dos últimos dias, com todos os feriados e todas as diversões, tiveram o condão de abrir um interregno de paz e concordia, para não dizermos de bom senso, na eterna e inexgotável questão dos tabacos.

Emquanto o povo aclamava nas ruas de Lisboa a rainha Alexandra, pagando assim uma dívida de justiça; enquanto todos percorriam a cidade, admirando durante o dia as ornamentações e enfeites, ou durante a noite as iluminações, o palacio da Rua dos Navegantes continuava a ser o secreto e mysterioso templo onde varios conciliabulos se realisavam, entrando e sahindo banqueiros, como se aquella trepida casa fosse um formigueiro... de formigas financeiras.

E falamos em formigas, como que para mostrar que todos devem estar alerta, a fim de que o paiz, n'este verão bancario, não vá ser a cigarra imprevidente da fabula.

A questão é das mais graves e importantes para o Estado, pois traz em jogo muitos milhares de contos, que os cofres publicos devem receber, intactos, sem que sommas extraordinarias continuem a correr para as algibeiras de felizes concessionarios. E' grave e importante, mas tambem de uma facilidade de resolução que não requer tão arduos trabalhos nem tão complicadas considerações.

Póde até dizer se, de passagem, que o sr. José Luciano, com as suas ponderações interminaveis e as suas eternas conferencias com banqueiros d'este mundo e do outro, é que tem complicado o assumpto. E de tal forma o fez, tanta habilidade mostrou n'esse enredo (que, em todo o caso, póde ser filho de uma boa vontade de acertar, mal orientada...), que se encontra actualmente em um becco sem sahida.

E assim estamos, alguns mezes depois de iniciada esta questão, sem que coisa alguma de positivo se saiba e como se o paiz não tivesse o direito de exigir que o caso, que deve ser puramente interno e isento de intervenções irritantes estrangeiras, fosse tratado a toda a luz. Aprender até morrer.

Pois agora apesar de tantas festas e visitas régias, volta a falar-se n'essas intervenções, que partiriam do sr. Delcassé, ministro da França, uma nação, que se diz amiga nossa tambem.

Uma coisa, porém, nos anima: é que ha sentinellas vigilantes, e que uma campanha insistente continúa, apreciando e criticando im placavelmente os mais pequenos incidentes da questão. Dizem os defensores do governo que essa campanha representa apenas o odio da Companhia dos Phosphoros contra a dos Tabacos. Pouco importa isso, porque não costumamos olhar a interesses de uma ou de outra. O facto indiscutível é que esse barulho em volta do assumpto tem produzido vantagens e resultados consideraveis. Não é demais que, entre tão poderosas entidades, caiba ao paiz, uma vez ao menos, o papel de *tertius gaudet*.

Uma pequena reviravolta se deve apontar, a titulo de curiosidade, para que os leitores passem tambem aos bastidores da tragedia: o actual ministro da fazenda, que passava por contrariar abertamente as sympathias do sr. José Luciano e que era poupado pela imprensa opposicionista, parece ter cahido agora d'essas graças. Um ou outro

jornal, mais conhecedor de todas as manobras, o vae já espicaçando com ataques nada evangelicos, de onde se conclue que a questão tende a tomar outro aspecto.

Para melhor? Para peor? Ninguém o sabe dizer. Esperemos e confiemos, como bons e sollicitos espectadores,

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

As festividades da Semana Santa na Misericordia de Tavira

No anno proximo passado não se realisaram as matinas de Sexta-Feira Maior, na igreja da Misericordia de Tavira, como sempre foi costume, por completa impossibilidade de cumprir a provisão do Rv.º Prelado da diocese do Algarve que mandou, que as festividades religiosas da Semana Santa desde o credo da missa de Quinta Feira Maior, até ao apparecimento da Alleluia, e tambem todos os officios funebres, fossem executados só por vozes, sem auxilio d'instrumentos, nem mesmo o orgão.

Presistindo este anno a mesma impossibilidade, e empenhando-se a meza da Misericordia em não deixar de realizar as matinas de Sexta Feira Maior, seguidas da procissão d'Enterro, que sempre se têm feito na respectiva igreja com todo o luzimento, pompa e grande concorrência de fieis, dirigiu-se, por meio d'uma comissão ao reverendissimo Prelado, que a recebeu com toda a urbanidade e captivante affabilidade, e concordando em que a maioria, senão todas as parochias e estabelecimentos pios lutam com insuperaveis dificuldades para poderem cumprir a provisão, prometteu enviar a Sua Eminencia o Rv.º Nuncio de Sua Santidade a exposição que a meza da Misericordia lhe dirigiria sobre esse assumpto, e interessar-se para que fosse resolvido segundo a petição da meza, em quanto não estivesse nas condições de condignamente poder cumprir a provisão.

Foi enviada a exposição, que é do teor seguinte:

Copia

Ex.º e Rev.º Sr. Arcebispo Bispo do Algarve: Incumbido pela meza da Misericordia de Tavira, venho perante V.ª Ex.ª muito repetidamente expôr a impossibilidade em que aquella meza se acha de poder cumprir a provisão com que V.ª Ex.ª regulou, no anno passado, a maneira de se effectuarem as festividades religiosas da Semana Santa; redundando essa impossibilidade n'um prejuizo para os rendimentos da Misericordia.

Tendo a provisão de V.ª Ex.ª preceituado que as festividades da Semana Santa desde o Credo da Missa de Quinta Feira Maior até ao apparecimento da Alleluia, devem ser executadas só por musica vocal, sem o acompanhamento de instrumento algum, nem mesmo a orgão; e não havendo, n'esta localidade, nem clero, visto que apenas se pode contar com tres reverendos sacerdotes, nem pessoal sufficientemente habilitado para desempenhar essa especie de musica, vê-se a meza da Misericordia na impossibilidade de poder levar a

effecto essas festividades segundo as prescrições de V.ª Ex.ª

Mas, um benemerito irmão, que por muitos annos foi provedor d'aquella Santa Casa, legou-lhe um rendimento, com a obrigação expressa de se fazerem na Igreja da Misericordia as matinas de Sexta Feira Maior e a procissão d'Enterro, revertendo esse rendimento para uma familia d'esta cidade, parece-me que hoje representada pelo sr. Sebastião Estacio Tello, logo que algum anno se deixe de levar a effecto a vontade do legatario. Essa vontade tem sido sempre cumprida de tal forma que a festividade religiosa da Sexta Feira Maior tem sido aquella que em Tavira se tem feito com maior pompa, sumptuosidade e concorrência, sendo em muitos annos as festividades da Semana Santa na Misericordia, as unicas que se tem feito em Tavira, pela impossibilidade em que as parochias muitas vezes se tem achado de as poder fazer. Fica, portanto, a Mesa da Misericordia na triste perspectiva de perder o referido legado por não poder cumprir a provisão de V.ª Ex.ª

E' verdade, que é uma lei ecclesiastica a prohibição do emprego de instrumentos nas festividades da Semana Santa; mas é verdade tambem que esse emprego tem sido sempre tolerado pelas autoridades ecclesiasticas superiores, e ainda hoje o é em muitas dioceses; e nomeadamente em Lisboa, capital do reino, sede do Patriarchado e da residencia de Sua Eminencia o Ex.º Nuncio de Sua Santidade; certamente pela dificuldade de se levarem a effecto essas festividades sem o auxilio d'instrumentos, com cujo acompanhamento se possam organizar os côros, supprindo a falta de vozes; apesar de ser Lisboa um grande centro, em que essas difficuldades não podem ser comparadas a aquellas com que lutamos aqui.

E' por isso que expondo as circumstancias em que se acha a meza da Misericordia venho muito respeitosamente pedir a V.ª Ex.ª, a exemplo do que se pratica n'outras dioceses, se digne tolerar que as matinas de Sexta Feira Maior sejam feitas com o acompanhamento do orgão, emquanto não poderem ser feitas d'outra forma; porque na impossibilidade de poder cumprir, desde já, condignamente e em harmonia com a solemnidade que o acto requer, a provisão de V.ª Ex.ª, a meza da Misericordia, apesar da perda d'uma parte do seu rendimento, com profunda e immensa magua, vê-se-ha na necessidade de fechar as portas do seu templo, justamente no dia em que, nos annos anteriores esse templo era pequeno para conter a grande affluencia de fieis que, assistindo aos officios divinos se iam prostrar reverentes perante o ataude do Christo redemptor que para remir a humanidade quiz padecer e morrer.

E' quanto se me offerece expôr a V.ª Ex.ª esperando e acatando a meza da Misericordia qualquer decisão que V.ª Ex.ª se dignar tomar: Deus Guarde a V.ª Ex.ª Ex.º e Rev.º Sr. Arcebispo Bispo do Algarve. O provedor, Francisco Gabriel Augusto da Silva Mimoso.

Contra toda a expectativa o Reverendissimo Prelado, passados dias mandou responder o seguinte:

Copia

Ill.º e Ex.º Sr. Incumbe-me S. Ex.ª R.º o senhor Arcebispo, em

carta recebida de Gouveia, de participar a V.ª Ex.ª que a Nunciatura apostolica lhe declarou officialmente que não tinha faculdades para consentir na inobservancia do *Motu Proprio* acerca do emprego do orgão ou de instrumentos musicos, nas solemnidades da Semana Santa, e que n'estas circumstancias teria de se cumprir o que está já determinado a tal respeito.

Caso V.ª Ex.ª deseje as musicas proprias para taes solemnidades o reverendo beneficiado Mascarenhas as poderá indicar, como em tempo aqui tive occasião de dizer a V.ª Ex.ª Se em qualquer occasião eu poder ser prestavel a V.ª Ex.ª servir-se-ha dar as suas ordens ao que se confessa de V.ª Ex.ª mt.º att.º ved.º e cr.º obg.º Faro, 23/2/905. — P.º Marcellino Antonio Maria Franco.

A meza da Misericordia entendendo:

Que, todos os actos do culto religioso, ou não se fazem, ou a fazerem se, devem ser feitos com todo o respeito, veneração e lustre;

Que, n'uma povoação relativamente importante como Tavira, seria irrisorio e ridiculo apresentar um côro de duas ou quando muito talvez tres vozes, que tantas serão as que podem haver habilitadas para poder desempenhar as musicas sacras das matinas de Sexta Feira Maior;

Que, faltando os elementos precisos e indispensaveis, não podiam essas matinas ser levada a effecto condignamente;

Que, não podendo ser auctorizado, não já o emprego d'instrumental com que no anno passado se realisaram as festividades da Semana Santa na maioria das igrejas de Lisboa, Porto e da maior parte das dioceses do reino, bem como os officios funebres pelas victimas do revez do sul d'Angola, a que assistiu Sua Eminencia o Sr. Cardeal Patriarcha e varios Reverendissimos Prelados de diferentes dioceses; mas ao menos com o acompanhamento do orgão, como em 2 do corrente foram feitos os officios funebres pelo Embaixador d'Inglaterra, dirigidos pelo 2.º mestre de ceremonias da Sé Patriarchal, e a que assistiu Sua Eminencia o Reverendissimo Nuncio de Sua Santidade; e como agora foi auctorizado, para as festividades da Semana Santa em Cintra, por Sua Eminencia o Reverendissimo Cardeal Patriarcha; — segundo publica o *Seculo* de 16 do corrente.

A meza da Misericordia, resolveu fechar as portas do respectivo templo.

Não é já o clero que incita os fieis á execução das praticas religiosas! são os fieis, é o povo que pede-lhe sejam removidas as difficuldades que lhe interposeram á realisacão das praticas religiosas da sua maior devoção; e é o clero que se nega a remover essas difficuldades!!

As portas do templo da Misericordia fecham-se; mas d'esse acto nenhuma responsabilidade cabe á respectiva meza; porque ella empregou todos os esforços ao seu alcance para que tal não succedesse, e só depois de esgotados todos os meios de que podia dispor é que tomou tal resolução.

A excursão a Portimão

Partida de Tavira—O comboio—Incidentes na viagem—Chegada a Portimão—Almoço—A Praia da Rocha—Os chalets—Furnas—O celebre «Buraco da Avó»—A outra praia—Casino—Hotel—A Fortaleza—A Empreza das Aguas—As philarmônicas—Commentarios

Quando no dia 27 pelas 4 e meia da manhã o sol appareceu festivo no céu azul da nossa cidade, pasmou decerto da extranha balburdia, da barulhenta confusão que notou na pacata Tavira.

E' que n'esse dia, os tavirenses mesmo os mais dorminhocos haviam madrugado muito, alguns á viva força, obrigados pela *chiada* das phylarmônicas que em alvorada percorriam as ruas da cidade.

Realisava-se n'esse dia a excursão de Tavira á formosa Villa Nova de Portimão.

E esta era a causa de semelhante anomalia.

A's cinco da manhã os excursionistas em caminho da estação, apressados, inquietos, porque já a machina apitara uma vez, iam em conversa animada explicando-se as intensões que levavam, a abundancia ou exiguidade do *peculio*, etc. De repente alli na rua do Mao Fôrro... hu! hu! oh c'os demonios ahi vae tudo a fugir; lá cahiu uma cesta... aquillo é gallinha pelo cheiro; eu vou a suir em bica. Chegámos á estação, tudo se precipita nas carruagens, o pessoal não dá de vencida o serviço, nem se quer tem tempo de trocar as senhas pelos bilhetes respectivos. Mas e a minha? e a minha carruagem? onde está a 2.ª classe? Ah! lá ao fim, já vejo; bem, vou trocar a senha e volto já.

Hu! Hu! torna a fazer a locomotiva! Nada! nada! não me importa o bilhete; sempre ha de haver tempo de troca-lo. Lá anda elle! Bem. Já cá estou encaixado n'uma de terceira e parece-me que sou dos mais felizes. Ao meu lado vai um grupo característico: levam os farnéis em cestas de verga e uma grande enfusa de... barro.

Cá ao pé o Zé Francisco, o No-gueira, o Antonio Celorico e o Correia, rapazes de Castromarim; alli ao lado uma colonia commercial e o Antonio Carocha e a sua troupe, mais alem a deputação que enviou a freguezia de Cacella; na carruagem seguinte os «Limpinhos» rompem com o «Patria»; alem atraz a «Nova» de Villa Real; ao todo onze carruagens á cunha.

Já vamos em viagem; ahi vem o revisor:

—Os seus bilhetes, meus senhores?

—Eu não tenho, faz favor de me vender um P.º Luz?

—P.º Luz? E' o mesmo que se fosse a Portimão; custa-lhe oito tostões!

—Que me diz?

Era o homemzinho que não reparando que o comboio era extraordinario julgara poder transportar-se á Luz pelos tres vintens do costume! Era do campo; não chorou por vergonha! oito tostões! E' forte! Coitado; achamos-lhe razão! Fuzeta, Olhão, Faro, nada de importancia, Loulé e Boliqueime; cá vamos em conversa; toda a carruagem, todo o comboio está a almoçar.

Tunis! Aqui a paragem é maior-sinha. Tenho tempo de passar para 2.ª classe. Desembarca-se, ri-se, passeia-se na linha, e olha-se p'ra dentro das carruagens... a ver o pequenamente.

José Francisco Teixeira d'Azevedo

ADVOGADO

Largo da Graça, 82—1.º—Lisboa

Silves! outra paragem. Entra muitíssima gente á borla. Outros são sacrificados, mas parece en- guicho! é na nossa carruagem que se dá o caso.

—O seu bilhete?

—Não tenho, vou p'ra Silves.

—Tem que tirar bilhete de Ta- vira a Portimão. São oito tostões e por favor, que foi apanharem... segunda classe. Abrir a bolsa, pagar e... está o caso sanado.

Tem que passar p'ra terceira mas... cá vão.

Finalmente Portimão!

Na gare completamente cheia rompe a philharmonica da terra, de rapazes amadores que vieram to- car por... cinco mil réis!

Estalejam umas girandolas de foguetes e grande balburdia.

O ha quem cá está em Porti- mão: é o Antonio Fonseca e o João Carvalho!

Isto é que são rapazes. Por cá en- tam a viajar em Barlavento. Não ha nada como ter massas!

A massa é a moda real!

Apenas temos tempo de trocar com elles algumas palavras na gare.

—Então que tal de viagem?

Impressões? Tem visto muita cousa bonita?

—Ora! Tndo! Em Silves, em Lagos, em Monchique, oh! Mon- chique que bonito! Alvor, Odiaxe re, eu sei cá! Temos corrido tudo. Em Ferragudo...

—Nada, nada, dizemos nós, olha que os carros já vão todos embora p'ra villa!

—Temos aqui um ás ordens que nos trouxe da villa. Vamos.

Toca a agarrar nas bolsas. O varino p'ra noite, a bengala; está tudo.

Mais musica, agora a «Nova» de Villa Real toca um ordinario com bocadinhos da «Marselheza», do «Gode save the Queen», etc.

E' só embarcar no carrinho de molas (não ha de outra qualidade em Portimão) e marchar para a villa. As philharmonicas vão fazer os cumprimentos da praxe, ao administrador, ao presidente da camara, aos paços do concelho, etc., etc.

E nós para o Hotel... para o celebre Hotel Viola. Entramos. E' um rancho! O Fonseca, o Carva- lho, o Nogueira, o Correia, o Zé Francisco e eu.

So a demora de limpar o fato, lavar as mãos, e mesa.

O Hotel Viola é um dos edificios mais importantes de Portimão; as janellas abrem para a praça Vis- conde Bivar onde está o coreto e vae fazer-se o jardim da villa. O serviço do Hotel sem ser de primeira ordem, é excellente e agradou-nos. A mesa, cujos loga- res estão completamente preenchi- dos, começa-se a pensar na manei- ra de passar o dia.

—A Praia da Rocha?

—Pois claro, d'aqui vamos á praia da Rocha!

Effectivamente, acabado o almo- ço, ahi vamos nós a bordo de dois carrinhos pelas ruas da villa até á Alfandega onde paramos para re- ceber o nosso amigo Antonio Ce- lorio e seu cunhado o sr. tenente da guarda fiscal Antonio Moreira de Sousa, cavalheiro extremamen- te amavel e sympathico que nos dispensou a honra da sua compa- nhia durante todo o dia o que nos fez alvo de numerosas atenções durante a nossa permanencia n'aquella villa.

Chegados á Rocha fomos exa- minando ao par os admiraveis pa- noramas do campo e do mar, visi- tar o chalet que o nosso amavel ciceroni possui n'aquella encan- tadora praia e que está a acabar de construir.

O sol, n'essa occasião, bastante quente, um verdadeiro sol de mar- ço, deslumbra, dando á praia sob os nossos pés, um aspecto en- cantador e quasi maravilhoso.

Scintillando radiante nas escar- pas cavadas talvez a capricho pelo mar o astro-rei parecia querer dar- nos como um presente grandioso um dia esplendido, alegre, um dia soberbo.

Descendo por ingremes mas pit- torescos caminhos estamos em bre- ve n'essa desejada praia da Rocha que, ha pouco, lá de cima se nos

mostrava abysmo e que o é mas na verdade encantador.

Agora já trepamos por esses penhascos isolados com a alegria de creanças deslumbadas por um espectáculo imponente.

Na nossa frente está o celebre «Buraco da Avó» de que já tinha- mos ouvido falar na villa. E' a comunicação para a outra praia. E' preciso agacharmo-nos. Prom- pto. Temos na nossa frente a ou- tra praia que é uma continuação ininterrupta de bellezas.

Alli, a distancia, está uma rocha alta e direita de cima da qual olha a praia um busto perfeito de ho- mem. Anda se alguns passos e a illusão desaparece: é uma pedra que ficou casualmente com seme- lhanças de cabeça e hombros.

Entramos n'um tunnel bastante comprido aberto em rocha, onde é preciso passar-se curvado.

No interior a agua cae em got- tas sobre o nosso chapéu.

Se isto cahisse agora? Lembra um!

Estremece-se. Sobresaltam-se- me os nervos, dou um pulo de medo e vou bater a cabeça n'um pedaço de rocha em que não havia reparado.

Ninguém vio. Depois já cá fora do buraco rio me ao susto. Qual cahir! aquillo está forte como uma rocha que é.

Ainda ha mais buraquinhos por onde nos andámos mettendo; n'um d'elles, commodamente sentados em bancos naturaes estão almo- çando alguns rapazes.

Subimos agora uma ladeira que nos treuxe de novo ci cima e te- mos ao pé uma estradinha com- prida mas tão estreita que mal ca- berão n'ella os pés juntos. Pega com uma rocha altissima onde os moços maritimos vão pescar atra- vessando com uma audacia e des- embaraço inconcebíveis a perigosa passagem.

Resvalando a alguém um pé na corrida despenhar-se-hia inevita- velmente.

Pelo nosso lado, ao examinar- mos o abysmo que de ambos os lados se nos deparava, desistimos da empreza e fomos, continuando o nosso passeio, visitar o soberbo edificio em construcção que deve- rá servir de Casino, Theatro e Sa- lão para bailes durante a epocha balnear, a succursal do Hotel Viola, edificio que está soffrendo uma mo- dificação afim de poder na proxi- ma epocha offerecer aos banhistas maior commodidade.

Mais adeante estão lançando os alicerces para o Café Concerto! E esta?

Só nos falta visitar a fortaleza. E' o que vamos fazer e já ve- mos ao largo o muro alto e escu- ro; avistam-se os fossos onde actualmente se dão muito bem as cebolas e a alface; entramos.

Estão lá dentro já muitas pes- soas de Tavira que tencionam jan- tar aqui a convite do commandan- te da praça sr. João Antonio Ber- nardo.

Depara-se nos um canhão de pe- quenas dimensões conservado tal- vez como reliquia por ter feito ou- vir a sua voz em tempos idos, aos contrabandistas.

Nas ameias disfructa-se uma vista catita e que nos traz pena de não termos levado o kodac. Ter-se-hiam tirado algumas vistas magnificas remediando o incon- veniente de não haver na villa bi- lhetes postaes illustrados o que é um descuido extranhavel.

Está vista a fortaleza e são ho- ras de voltar a Portimão. Vamos ao edificio da Companhia de Abas- tecimento de Aguas. E' da empre- za Sarrea Prado & C.^a e foi feito em 1902. O homem encarregado cumprimenta nos e põe-se á nossa disposição.

Abriu se a porta e admiramos o espectáculo... duas largas escada- rias conduzem aos reservatorios imensos, cheios de uma agua tão limpida que chega a enganar um dos nossos companheiros que quasi põe o pé no primeiro degrau o que lhe custaria uma molhadela.

Descemos. Vamos agora vêr a canalisação para o que temos de andar de gatas no interior dos cumpridos tunneis.

Cá em cima outra vez, o ho-

meminho dá-nos a beber um copo de agua purissima que bebemos sofregamente. E bella a agua.

Contudo muito poucas pessoas se utilisam na villa d'esta agua! A Companhia pede dinheiros im- mensos pela montagem e canalisa- ção, d'onde quer auferir lucros consideraveis o que lhe dá um re- sultado negativo.

Consomme em ordenados a em- pregados superiores e perfeitemen- te inuteis quantias consideraveis, com manifesto prejuizo dos accio- nistas que em vão esperam um di- videndo mesmo modico. E' afinal uma companhia portugueza e ba- ta!

Uma administração pessima!

Sahimos, está visto o que ha de interessante em Portimão e de- pois de um passeio pela villa o estomago aconselha nos a volta ao hotel. E' noite. Já está a sopa na mesa.

Começou a illumiuar-se o coreto quo fica na praça em frente das janellas do hotel; são 7 horas quando sobe a «Nova» de Villa Real, uma hora mais tarde do que estava combinado; isto dá logar a uma justa reclamação da phylar- monica de Tavira que pretende to- car das 8 em diante.

Intervem no caso um dos vere- adores da camara municipal que in- tima a «Nova» a descer a hora combinada: ás 8.

Sobem os «Limpinhos».

Do repertorio d'elles sae agora —«Os madgyares»—; do nosso as ervillas com ovos, e as fatias de lombo.

A praça está apinhada e pas- seia-se com bastante difficuldade. Dentro em pouco estamos tam- bem n'um dos passeios.

Aqui parece ser o rendez vous da elegancia; é n'esta rua que ve- mos passeando grupos de formosas meninas portimonenses.

Mas é tarde; a phylharmonica to- ca já o ordinario, é tempo de nos pormos em ablativo.

Fazemos as nossas despedidas; alto ahi! Faltam no hotel um len- ço de seda e uma bolsa bordada. Mau!

Isto é que não tem absoluta- mente graça nenhuma.

Embarca-se na carriola e em breve estamos na Estação.

Onde está a carruagem de 2.^a? Aqui, bom, 4 passageiros apenas em 2.^a; Bello! Entramos, Ficam agora 10. já não é mau.

Apita, mexe-se. Ai que bom, um banco inteiro á nossa disposição! Toca a deitar.

Quem entrasse agora na carrua- gem ouviria uma mosca. Até o comboyo não chia de proposito para nos deixar dormir.

E dormimos.

Tavira! A não ser as phylarmo- nicas ficaríamos no comboyo. Cá vamos ouvindo os ordinarios. Olá a porta de casa! Ainda está no seu logar felizmente! Mette-se a chave.. abre-se.

Meus senhoras... com licença!

A phylharmonica *Meyerbeer*, de Villa Real de Santo Antonio, que na sua passagem para Portimão, teve a amabilidade de cumprimen- tar a nossa redacção, agradecemos.

THEATRO TAVIRENSE

No domingo deve visitar-nos, dando um espectáculo no nosso theatro a excellente *Tuna Farense* sob a direcção do sr. dr. A. de Moraes. O programma para esta recita, que n'outro logar publica- mos, é magnifico e inclue uma par- te dramatica de que fazem parte uma comedia em 1 acto, *Um Noivo de Encomenda*, e algumas canço- netas em uma das quaes tornare- mos a ouvir o nosso querido ami- go e distinctissimo amator Damião Pantoja Junior.

Consta-nos que se acha já aberta a assignatura para os camarotes.

Sejam bemvindos os rapazes que vem proporcionar-nos uma noite de festa ruidosa e alegre.

Governante. Precisa-se d'uma com pratica de todos os serviços do- mesticos, e que tenha tido bom com- portamento. Dirija-se ao Largo da Porta do Postigo, 12.—Tavira. (229)

De Faro

Sabbado ultimo vimos n'esta ci- dade onde vieram passear algumas horas os srs.: João Coelho Pereira de Mattos, Manuel Evaristo Pen- teado, Jose Lopes do Rosario, Alexandre de Figueiredo e Mello, Constantino Cumano, dr. Alexan- dre Pereira d'Assis, José Caetano Pereira de Mattos, Francisco Gon- çalves Rolão e Manuel José da Fonseca, de Faro.

Sr. director do «Heraldo»:

Por motivos que pessoalmente lhe explicarei, e que não exponho aqui, porque o publico nada lucraria conhecendo-os, venho declarar a V. que d'ora ávante deixo de fa- zer parte da redacção do *Heraldo*, á qual, se não prestei grandes ser- viços, tenho tido ligado o meu nome, que muito préso, por isso mesmo que é meu.

Pela publicação d'esta carta no proximo n.º do *Heraldo*, se confes- sa muito grato o

De V.

Tavira, 17-3.º 905.

José Castanho.

TUNA FARENSE

Recita no Theatro Tavirense

Domingo, 2 d'abril de 1905

PROGRAMMA

1.ª PARTE

- | | |
|------------------------------------|--------------|
| 1.º Por las morenas! (pasa calle). | A. de Moraes |
| 2.º Mazurka 48 (fa maior)..... | Chopin |
| 3.º Fados (rapsodia)..... | W. Pinto |
| 4.º Pavana..... | Lucena |

PELA TUNA

2.ª PARTE

- | | |
|---------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| 1.º Cançoneta, por..... | Damião Pantoja |
| 2.º Um Noivo de Encomenda, comedia em 1 acto, de Frederico Napoleão de Victoria | |

DISTRIBUIÇÃO

- | | |
|-----------------------|----------------|
| Tiburcio Valente..... | F. de Barros |
| Polycarpo..... | Damião Pantoja |
| Christim..... | P. Seraphim |
| Sabino..... | J. Graça |
| Paschoal..... | S. Franco |
| D. Petronilha..... | João Archanjo |
| Amelia..... | A. Netto |

Encenação de D. Pantoja Junior—Ponto, Annibal Santos — Characterizador, Cruz Leiria

CANÇONETA — pelo sr. J. CARRAPIÇO

3.ª PARTE

- | | |
|-----------------------------------|------------|
| 1.º Serenata..... | W. Pinto |
| 2.º Quand tu chantes, (serenade) | Ch. Gounod |
| 3.º 1.ª Rapsodia..... | Reb. Neves |
| 4.º Redoute Blanche (marcha)..... | P. Lincke |

PELA TUNA

A's 8 horas e meia da noite

A Hespanha dos francezes

A noticia da viagem de D. Affonso XIII a Paris está excitando o hespanholismo dos francezes. Não ha que duvidar: existe em França um grande enthusiasmo pela Hes- nha. *Jadore l'Espagne!* — murm- ram todos.

Ora o que elles adoram é uma terra romantica, uma terra que só existe nas novellas. E' em vão que se lhes diz:—A Peninsula não é uma immensa praça de touros. E' um povo moderno que trabalha, que se veste como os outros povos e que nem sequer usa trabuco. E' escusado. Cada dia um livro novo vem confirmar e ta visão romanti- ca. Ainda ha pouco era *La femme et le pantin* de Pierre Louys, com as suas cigareiras vertiginosas; depois *La Marquesita* de Talon, aquella marquesinha mystica e hysterica; a *Toireira* de Jean de la Hire; os *Contos de Richepin* e fi- nalmente *La maison de danses* de Reboux.

O livro de Richepin é o mais significativo. E' como o compendio da visão hespanhola de Paris. Senão vejamos a *Barbeira*. Sua eminencia, o cardeal, vae á barbei- ra para que ella lhe faça a barba. —Na verdade — diz-lhe — tens uma mãe maravilhosa. Nunca achei na minha vida, desde o dia em que pela primeira vez me barbearam, e já lá vão uns poucos de annos, barbeira com mão tão ligeira.

—Ah!—responde a mulher—bem se vê que vossa eminencia nunca foi tratado como merece. A sua barba vale bem a pena que cuidem n'ella! Eu não podia morrer tran- quilla se não lhe rendesse as honras que merece.

—Gentil barbeira—continua o cardeal—se bem fazes melhor di-

zes. A minha barba merece que a honres. Mas que diabo estis tu a tirar, se já nem um pello tenho?

A barbeira ainda encontra uns pellinhos e continua trabalhando e conversando; finalmente pergunta:

—Vossa eminencia não se lem- bra d'aquelles gitanos que mandou queimar em Alicante?

—Não. Sua eminencia lembra-se lá de tantos autos de fé! tem a memoria cheia de chamus.

—Mas aquelles pertenciam á mesma familia, eram onze—insiste a rapariga.

—O que importa? O que são onze pessoas? O que é uma fami- lia? Mandeí para a fogueira aldeias inteiras de bruxos.

A barbeira murmura:

—Ha treze annos. E desde en- tão estou esperando pela occasião de fazer a barba a vossa eminencia. Aquelles gitanos eram meu pae, minha mãe, meus quatro ir- mãos, minhas quatro irmãs e o meu primo José.

O conto termina assim: Emquan- to o cardeal, inquisidor mór, co- meça a assustar-se com o olhar magico da gitana, ella com uma só navalhada corta-lhe o pescoço, di- zendo onze vezes *amen!*

Vejamos agora como sorri a The- rezinha:—A Therezinha é a filha unica do marquez de Lobos. To- dos a proclamam a mais formosa da Hespanha. Não ha quem lhe não queira. A vida para ella é um jardim de flôres. Mas ahi o rei apaixona-se por ella e, para fugir aos galanteios do velho Alonso, a coitadita vae fechar-se no convento de N. S. da Açucena. Quando o mo- narcha cognominado o *Leproso* vem a saber-o manda reunir os fidal- gos, clérigos e guerreiros e segui- do por brilhante comitiva vae ba- ter á porta do convento gritando: —Olá! velha abadessa, dê-me á Therezinha, senão eu mando sa- quear lhe a casa!

—Entrae, real senhor—respon- de a Freira. Estaes aqui na vossa casa... Entraes, mas entrae só, pelo amor de Deus!

Quando Sua Magestade penetra no pateo grande, ouve um cantico entoado pelas trezentas monjas. E um cantico de fé e esperanza ce- leste. D. Alonso escuta com en- canto, brilha lhe nos olhos fogo intenso. Já não é só a Therezinha que elle quer, senão todas as es- posas do Senhor.

A abadessa quer acalmar-lhe o ardor. Furioso, desembainha a es- pada para mata-la, quando a vê transformar-se em açucena. Pouco importa. Fere. Corre o sangue. As trezentas freiras loucas de terror, começam a tremer. Todas se con- vertem em lyrios, em altos lyrios brancos. Perde se o rei n'aquella floresta de alvas flores. Os sinos do convento tambem são lyrios e começam a repenicar alegremente. De repente tocam a defuncto. Com effeito, o rei parece estar envene- nado pelos perfumes d'aquella flo- resta de castidade.

Este é um sorriso de morte!

E: GÓMEZ CARRILHO.

SILVA NOGUEIRA

Por motivo dos festejos em hon- ra de suas magestades a rainha de Inglaterra e imperador de Allema- nha foi forçado a addiar a sua vin- da a esta cidade, este nosso amigo. Impreterivelmente, te-lo hemos ao nosso dispôr nos dias 9 e 10 do proximo mez de abril.

ANNUNCIO

POR esta repartição se annuncia que no dia 1.º proximo mez de abril começa na rebededoria d'este concelho o pagamento dos juros do 1.º semestre do corrente anno das obrigações de 4 p. c. de 1890 e 4 1/2 p. c. de 1888 e 1889, proce- dendo-se com as formalidades dos semestres anteriores.

N'esta repartição estão patentes as listas do sorteio realisado em 1 do corrente e o resumo dos titulos ainda não reembolsados dos sorteios anteriores, que podem ser examina- dos pelos interessados.

Repartição de Fazenda do Conce- lho de Tavira, 22 de março de 1905.

O Escrivão de Fazenda,
228 Felix do Amaral.

O REQUIEM DE MOZART

(A João Violeta)

Lembrei-me agora de uma das mais extraordinárias aventuras que me tem sucedido.

Suggeriu-me esta horripilante recordação um retrato de minha defuncta prima que acabo de encontrar perdido entre os meus papéis.

Esta photographia, precisamente a ultima que ella tirou é igual á que está encerrada no jazigo da nossa familia, cercada de perpetuas amarellas e de saudades roxas numa grande corôa, preto sincero duma eterna recordação...

Ficou muito bom este retrato. Por elle se vê que minha prima era uma formosa senhora.

Ainda me parece estar a vê-la. Alta, formas airozas, feições regularissimas, a sua cutis setinosa tinha uma cor de perola levemente nacarada que a tornava seductora.

O cabelo era negro... muito negro, negros eram tambem os olhos e tinham ás vezes fulgurações tão lindas e brilhantes que—extraordinaria coisa!—até me parecia estar vendo o reluzir constante duma catadupa de pedras preciosas.

A bocca era breve como um sonho feliz ou um lampejo de ventura e tinha uns sorrisos como já mais tornei a ver...

Era encantadora a minha prima. Entantadora e intelligentissima. As artes e as letras eram o seu entretenimento, o seu passatempo favorito.

Quando não lia Byron ou Lamartine, bordava a matiz com a perfeição rara da *Acucena do Sonho* de Zola ou aguarellava distinctamente.

Mas a sua grande paixão era a musica. Para ella os grandes mestres desta divina arte eram verdadeiros semi-deuses!

Adorava Beethoven, Mozart, Rossini, Mendelssohn, Chopin e Meyerbeer e era sempre com um entusiasmo quasi religioso que se sentava ao piano, um precioso movel com incrustações de prata e madreperola, e com os dedos afilados e ágeis dedos rozeos como os da Aurora e finos como os das estatuas medievas percorria o teclado sonoro donde a sua inextinguível execução fazia jorrar melodias deliciosas, arrebatadoras e harmonicas que irresistivelmente... vagarosamente nos arrastavam o espirito para as fantasticas regiões do Sonho...

Sob a impressão vivissima que causava o ouvil a interpretar as *Symphonias* de Beethoven, como que nos prepassavam pelo espirito numa ondulante vertigem de allucinação, os dolorosos mythos de Orpheu e de Amphião, o inventor da cythara, e, se fazia gemer o piano, traduzindo algum *Nocturno* de Chopin, era com tal arte que tinha o condão maravilhoso de evocar em nós todo o passado biblico... e como que sentiamos gemer longicuanamente a harpa de David acalmando os accessos de loucura de Saul...

Na *Ave verum* de Mozart, o seu

maestro predilecto e nos *Psalmos* de Marcello, era impeccavel.

Dir-se-hia que as suas lindissimas mãos nos conduziam ao som de suavissimas melodias, ao interior dum templo onde fossemos assistir aos canticos extranhamente liturgicos da Edade Media, entre nuvens de incenso e transparencias de vitraes...

Dada a minha predilecção pelos assumptos funebres, por me parecer que tanto a Morte como a Vida são inexauríveis fontes de inspiração, tendo aquella sobre esta a vantagem de estar menos estudada em todas as suas manifestações, pois que, desde os Egypcios, esse povo das sybillas e das Esphinges quasi ninguém mais a explorou, sempre que visitava minha tia, tinha o cuidado de pedir-lhe que me servisse de empenho junto da filha e minha encantadora prima, a quem invariavelmente eu supplicava que tocasse, no seu magnifico piano o *Requiem* de Mozart, a obra prima desse genio de musica.

Ella acedia sempre. Parece-me ainda estar a vê-la... primeiro um pouco friamente, depois com mais ardor e por fim animada por um extraordinario entusiasmo, fazia vibrar o teclado, traduzindo aquella primorosa pagina do grande compositor allemão.

Por singular coincidência, foi precisamente o *Requiem* de Mozart o ultimo trecho que lhe ouvi tocar. Para a minha gentil prima como para o glorioso auctor do *D. João* aquella musica foi o canto do cysne...

Minha prima adorava os bailes... A' sahida dum festival em casa da Viscondessa de * * *, numa frigidissima noite de inverno, apesar da opulenta *pelica* que a envolvia e do resguardo da carruagem, a Morte, sob a forma duma pneumonia dupla victimou-a em poucos dias com profundissimo desgosto de toda a familia, especializando a mãe, a minha boa tia que ficou como louca pela perda da filha, unico esteio da sua triste viuvez.

O meu desgosto foi tambem immenso... infinito... eramos como irmãos... passára junta a nossa infancia...

Que tristeza! Não mais tornar a ver as extraordinarias liquescencias dos seus divinos olhos nem as deslumbrantes alvoradas dos seus sorrisos...

Não mais tornar a ouvir tão artisticamente interpretado, tão lindamente traduzido o famoso *Requiem* de Mozart que tanto me deliciava!

Inconsolavel na sua dôr, minha tia retirou-se para o seu solar, na provincia e o seu palacete, outrora tão alegre, em vida da minha formosa prima, punha agora uma nota de impressionante tristeza naquelle rua larga, como se os crepes que lhe cobriam o braço espartilhado, tudo envolvessem no peso do seu luto...

Passaram tempos... largos tempos... Mais resignada com a gran

de magua da perda da filha, minha tia, a quem a dôr prateára o cabelo andeante e farto, deliberou voltar á capital.

Fui como era meu dever esperal-a.

A boa senhora quando me viu teve um sorriso entrecortado de soluços...

Acompanhei a ao palacete.

Uma dolorosa impressão nos assaltou quando, apoz tanto tempo tornámos a ouvir ranger a porta do jardim que quasi se fechára atraz do cadaver da minha querida prima.

Todos os olhos se orvalharam e uma tristeza immedsa nos envolveu quando atravessamos aquelle rincão ortrora tão florido e agora dum tão desolador aspecto... cheios da lepra do musgo as ruas... ornados os canteiros noutro tempo tão viçosos, de seccos arbustos que lembravam esqueletos mirrados bradando aos céos...

Lá estavam torcidas e negras como uma serpente calcinada, as hastes da rozeira que ella tanto amára... e ali, junto do lago, lá estava o pequenino talhão onde outrora as suas mãos de patricia tanto e tão cautelosamente tinham cuidados duns amôres perfectos cujos ultimos atomos o vento dispersára havia muito.

O nosso pezar continuou quando subimos, aberta a porta principal, pausadamente a escadaria ampla onde uma densa camada de pó apagava o brilho intenso do colorido, da tapeçaria e punha toros prateados nas largas folhas das plantas artificiaes, que, em enormes jarrões da Índia a ladeavam.

Nas diversas salas que iam atravessando, encontravamos aquella atmospheria gelida e pezada que parece concentrar-se nos aposentos longos annos fechados e que deve reinar imperturbavel na crypta dos jazigos.

Minha tia teve um delirio de lagrimas ao ver sobre um tamborete um volume do *Paraizo Perdido*, cuja leitura a infeliz menina não concluíra e quasi ia desmaiando de dôr quando vimos o bastidor, onde camadas de pó haviam como que esbatido o primoroso bordado que as mãos de Fada da minha encantadora prima ali haviam encetado.

Eu por mim tambem muito me enternecia... parecia-me contudo que o que maior impressão havia de causar-me seria a vista do piano, no magnifico salão de ornatos de oiro sobre um fundo azul pallido. Sim! Junto daquelle precioso movel cujas incrustações de madreperola e prata eu tantas vezes contemplára, ouvindo deliciado as vibrações que do teclado os dedos finos da defuncta sabiam arrancar, seria profundissima a minha commoção.

E saudoso, muito saudoso... lembrei-me do *Requiem* de Mozart!

O ultimo trecho que lhe ouvira!

Haviamos chegado ao salão de baile; minha tia abriu a porta e um dos creados soergueu o pesado reposteiro onde, num doirado baco, um heraldisco braço reluzia pallidamente...

Um outro creado adeantou-se para ir abrir as janellas visto que ali reinavam as mais profundas trevas.

Que extraordinarias commoções nos agitaram naquelle instante!

Que pugentissimas lembranças nos acudiram!

Certamente minha tia pensava nas noites sem conte em que a filha imperára ali, como suprema dominadôra, entre os esplendores daquelle vasta sala de baile; eu pensava na prodigiosa traducção que ella sabia fazer de todos os trechos ainda os mais difficeis e recordava-me, o coração a trasbordar de magua, do *Requiem* de Mozart...

Lá ao fundo o creado abria uma janella...

Uma luz fraca... muito fraca de entardecer de inverno entrou tristemente, dispersando-se naquelle treva profunda, qual mancha tenue de nevoeiro e demudando a escuridão numa vaga penumbra ainda mais triste visto que nos deixava ver quasi indistinctamente os objectos, como num sonho povoado de recordações saudosas...

Qual não foi, porem o espanto de todos nós, quando, a seguir a uns estalidos arripadores, lá ao fim da sala, o piano da nossa querida defuncta se abriu com grande estrepito e percorridas nervosamente por invisíveis mãos, as suas téclas de marfim, como outrora impulsadas pelos arrebatamentos artisticos de minha prima, começaram vibrando os primeiros compassos do *Requiem* de Mozart!

Tão aterrorisados ficámos todos que nem pudemos fugir doidamente daquelle salão, como foi nosso primeiro intuito!

Quanto a mim, foi tão forte a commoção que experimentei que ainda hoje, passados tantos annos, tenho nos ouvidos aquellas vibrações tão tristes como inexplicaveis e sempre que penso nesta aventura os cabelos se me eriçam e calafrios me invadem!

Faro 3-905.

LYSTER FRANCO.

COURELLA

Vende-se uma courella de fazenda no sitio do Brejo que consta de oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, chaparreiras e terra de semear, e um caseirão que pertencia a José Entrudo. Trata-se com José Dias, no sitio de Santa Margarida. 226

1.º ANNUNCIO

No dia 9 do proximo mez d'abril, por 12 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na Praça da Constituição, d'esta cidade, vae á praça para ser arrematado a quem maior lance offerecer acima do seu valor, uma courella de fazenda devidamente demarcada de predio maior do qual constituia a quinta parte, no sitio da Palmeira, freguezia da Luz, d'esta comarca, que consta de terra de semear de regadio, larangeiras, albricoqueiros, parreiras e outras arvores de fructo, e parte na nora, tanque e levadas com direito a 14 horas de tiragem d'agua de 6 em 6 dias, avaliada em réis 100\$000.

Este predio pertence ao casal inventariado de Manuel Lourenço Pequeno, que residiu no mesmo sitio da Palmeira, e vae á praça por deliberação do respectivo conselho de familia e interessados para pagamento do passivo approvedo.

São citados quaesquer credores incertos nos termos do n.º 1 do art. 744 do Código do Processo Civil. Távira, 15 de março de 1903.

Verificado—Azevedo.

O escrivão do 3.º officio
227 Estevão José de Sousa Reis.

ANEMIA.

Modo de derrotal-a!

A gravidade da anemia é bem conhecida, o modo de derrotal-a é bem sabido. Ainda assim, parece difficil despertar os que soffrem até ao ponto de verem a necessidade d'um esforço real! Ella deve ser combatida com a Emulsão de Scott logo que se manifeste, ou, melhor ainda, no momento em que se suspeite. A anemia é usualmente o primeiro passo que dirige rapidamente á tuberculose. A Senhora Dona Isaura Tinoco mostra na sua carta como ella curou a anemia e, assim, evitou complicações mais serias. Vale a pena ler a sua carta:



SENHORA DONA ISAURA
DA CONCEIÇÃO TINOCO.

RUA DA ALEGRIA, No. 626,
PORTO, 13 de Agosto de 1903.

Padei muitissimo d'uma anemia, que me prostrou durante bastante tempo. Estava pallida e falkava-me o appetite, emfim, senti todos os symptomas d'esta doença que é o caminho da tuberculose. Tomei a Emulsão de Scott e, dentro em pouco, senti-me reviver, recuperei as forças e agora estou muitissimo melhor.

(Assignado)

ISAURA DA CONCEIÇÃO TINOCO.

Acabae d'uma vez com a anemia, usando da Emulsão de Scott, o remedio que cura a anemia, quer seja ella recente quer seja antiga, e a cura para ficar curada. Este é o grande ponto, o complemento da cura. Muitos preparados ajudam o de Scott cura.



Marca registada.

UMA MULHER FELIZ

CAPITULO IX

M. de Noirville a M. Dumont, advogado

E, a prova que o meio terno é a unica estrada, dizia o tal sujeito que, pelo lado dos carlistas era outro cantar; acreditai-o-has tu, Dumont? no caso em que Henrique V voltasse, o mesmo sujeito me disse que «eu tambem estava na lista de proscripção dos taes miseraveis, e que o meu numero era 19; porque esta lista eleva-se a dezesseis mil duzentos e trinta e cinco proprietarios, cujas propriedades deverão ser o pasto dos taes infames tartufos, sob o titulo de

dominio do clero, afim de serem divididas pelos jesuitas.»

«Já vês, Dumont, que, d'um lado os republicanos, do outro os jesuitas, como dizia o tal sujeito. Não resta portanto a um homem honrado, a um bom francez, senão tomar o partido que lhe garante as suas propriedades e que elle assegura privilegios; perque, como me dizia tambem o dito sujeito: «Agora não ha senão uma «aristocracia» possivel, aquella a que pertenceis, senhor de Noirville, em uma palavra a da fortuna, que vos colloca hoje no fastigio do edificio social, e tão alto quanto o estavam os «grandes fidalgos e os marechaes do imperio.»

«Responder-me-has que é este um systema politico que corresponde ás urgencias do paiz, e que classifica cada um no seu posto. Por isso mesmo é que eu me antecipo na dedicação: espero a tua chegada a Pariz com impaciencia, para que me renoves um pouco a

minha profissão de fé aos eleitores. Feito isto, viajo, e voltarei para assistir ás eleições e casar-me em segundas nupcias.

«Adeus, meu caro Dumont; lastima o teu infeliz amigo

ADOLPHO DE NOIRVILLE.»

CAPITULO X

Conclusão

M. de Noirville tornou-se a casar riquissimamente.

E' deputado, tem logar no centro, é feliz e engorda.

Ri-se ás vezes das superstições e dos prejuizos da sua pobre defuncta, quando falla sobre isto com a sua segunda mulher, que, affirma elle, é pelo menos uma grande *frescatinha*, que vive á regalada, e que seguramente não morrerá de melancolia!

FIM



CAMINHOS DE FERRO

ESTAÇÃO DE TAVIRA

HORARIO

Dos comboys ascendentes e descendentes

CHEGADAS

De manhã

5 e 10 (correio) de Lisboa e Setil
8 e 55 (tram.) » Faro
10 e 55 » » Portimão

De tarde

4 e 50 (tram.) de Faro
11 e 15 (mixto) » Lisboa, Setil e Portimão.

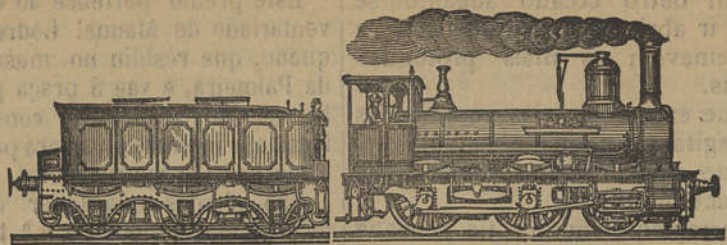
PARTIDAS

De manhã

6 e 10 (mixto) para Lisboa e Setil
9 e 20 (tram.) » Faro

De tarde

2 e 20 (tram.) para Faro e Portimão
5 e 40 (correio) » Lisboa, Setil e Portimão.
6 e 30 (tram.) » Faro



AVISO AO PUBLICO

EXCURSÃO RECREATIVA

DE

PORTIMÃO A TAVIRA

No dia 16 de abril de 1905

Não podendo ter lugar no dia da inauguração da estação de Távira a excursão que está annunciada, devido à Direcção dos Caminhos de Ferro não alugar o comboio para aquelle dia, foi esta transferida para o dia 16 de abril, Domingo de Ramos, podendo os srs. excursionistas assistir à procissão dos Ramos que se realisa n'esta cidade e que este anno se realisa com toda a pompa.

A partida do comboio da estação de Portimão será n'aquelle dia ás 5 horas da manhã e de Távira, no mesmo dia ás 11 horas da noite.

As senhas para esta excursão estão á venda até ao dia 25 de março nas mesmas casas que já foram annunciadas.

PREÇOS IDA E VOLTA

Em 2.ª classe. 1\$200
Em 3.ª classe. 800

NOVIDADE LITTERARIA

JOÃO LUCIO

O MEU ALGARVE

(VERSOS)

A' VENDA

Venda de trens, cavallos e mobilia

Vendem-se alguns trens taes como: caleches, mylorde e vis-à-vis; alguns mezas de quartos, leitos de ferro, lavatorios, 1 aparador, 1 guarda-louça, 1 grande fogão de fogo central, com forno, estufa e caldeira de cobre para agua, mesa elastica, lavatorio com deposito para agua, 1 espelho de sala e uma cama de madeira completa. Quem pretender dirija-se ao seu proprietario João Antonio.—Távira. (214)

Pipas avinhadas e mais accessorios d'uma adega, vende José Gonçalves Palmeira Senior & Irmão. Terreiro de Garção, Távira. 225

Companhia de Pescarias do Cabo e Rama hete

Vendem-se vinte acções d'esta Companhia. Trata-se com José Maria dos Santos.

A PEROLA DE TAVIRA

A CABA de chegar um completo e variado sortido de chapéus de chuva para homem e senhora, lindos modelos e preços sem competencia, porque a grande quantidade e a boa compra assim o faz. (196) José Viegas Mansinho.

REVISTA AGRONOMICA

Publicação da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal. Assinatura por anno: 3\$000 réis, travessa dos Remolares, 130, .º—Lisboa.

CASAS DE DETENÇÃO E CORRECÇÃO

A Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, 107, ao largo do Caldas, acaba de editar os Regulamentos das Casas de Detenção e Correcção de—Lisboa, Porto, e de Villa Fernando, seguidos de diversa legislação judicial, e fiscal, sendo o seu custo 200 r is.

Ferrejos. Vende-se uma porção no quintal da Galeria. Trata-se com Verissimo Pereira Paulo.

Nova assignatura

permanente

PARA

O NOVO DICCIONARIO DA

LINGUA PORTUGUESA

PELO DR.

CANDIDO DE FIGUEIREDO

O novo dictionario termina por um rapido mas interessante appendice geographico, com a maioria dos nomes que andam adulterados nos livros de geographia. no ensino publico, na linguagem commum, etc. A obra completa, á venda na nossa livraria, consta de dois volumes, de cerca de oitocentas paginas cada um, muito bem encadernados, que custam apenas

3\$000 RÉIS

Por assignatura: Réis 600—cada tomo de 114 paginas—600 réis.

A distribuição pôde ser feita á vontade do assignante, semanal, quinzenal ou mensalmente, pois que estão publicados os 11 TOMOS de que a obra se compõe.

Assigna-se na livraria de José Maria dos Santos, Távira.

SEGUROS CONTRA FOGO

A PREMIO CONVATIVOS

e sem despesa alguma nem incommodo para os srs. segurados

Tomam se por intermedio de

JERONYMO BOBONE

para acreditadas companhias estrangeiras ou nacionaes funcionando em Lisboa

Dirigir a correspondencia para a rua das Amoreiras, 95, em Lisboa. (217)

ANNUNCIO

Mathias Peres Rojo tem um trem para alugar. 210

IMPOSTOS

O arrendatario do imposto de farinhas e todos os cereaes em Santo Estevão é o sr. José Pires Florenço, sítio da Egreja. 212

Grandes Armazens

de Novidades

AU PRINTEMPS

PARIS

O catalogo e as amostras dos tecidos de novidades para a estação de verão são enviados franco de porte a quem os pedir em cartas devidamente franqueadas.

As encomendas e os pedidos de amostras podem ser dirigidos ao agente reexpedidor d'esta casa

A. VINCENT

19, LARGO DE CAMÕES—ROCIO—LISBOA

ALVELLOS & C.ª

Casa de Cambio, Loterias e Tabacos

16, PRAÇA DE D. FRANCISCO GOMES, 17 FARO

OS proprietarios d'este estabelecimento, acham-se sempre habilitados para fornecer jogo de todas as loterias da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, assim como para receber em troca o jogo premiado de qualquer cambista de Lisboa.

A proxima loteria realisar-se ha no dia 31 de março. 195

Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) Faro



BAGA de sabugueiro para dar cor ao vinho, importada directamente da Regoa, nova colheita, 1.ª qualidade, vende

JUSTINO A. FERREIRA

128 TAVIRA

PINHEIRO & FILHO

Commissões e consignações Corretores de vinhos desde 1875

63, Rua do Miradouro PORTO

Encarrega-se da venda, por amostras ou á consignação, de qualquer quantidade e qualidade de vinho ou aguardente. 143

FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20

TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS

HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hoteis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

Empregado economico.

Pela quantia de 2\$500 réis mensaes, tem o commercio, industriaes e particulares de todo o paiz, e por 5\$000 réis, os das Ilhas, Africa e Brazil, um empregado affiançado, para satisfazer todas as suas ordens em Lisboa. Largo do Terreiro do Trigo, 8, 1.º D.—Lisboa. (204)

Vende-se o dominio directo de um fôro de 22\$500 réis, annual, com vencimento em 3 de agosto, imposto na fazenda da Capellinha que trazem em venda os srs. padre Piedade e irmão. Quem pretender entenda-se com Gonçalo Ferro. O mesmo vende tambem uma courela de fazenda no sitio da Capellinha com terra de sementeira e oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras, com casa, cavallaria e palheiro. Vende tambem umas casas na rua de S. Braz com 8 compartimentos, quintal, cerca e cavallaria com sahida para o Alto de S. Braz, d'esta cidade. 198

Vende-se ou aluga-se uma casa nova na rua das Freiras. Tem 12 compartimentos, pequeno quintal com magnifica agua. Trata-se na rua do Sapal, 20.

Vende-se uma propriedade no sitio d'Asseca, com horta e sequeiro e consta de casas de moradia, ramada e palheiro, alfarrobeiras, amendoeira, oliveiras, vinha e outras arvores de fructo.

Trata-se com Abilio dos Santos Bandeira, Távira, 167

Casa. Vende-se uma casa alta com sala e saleta, tres quartos, casa de jantar, cozinha e duas copas, sobrado, soteia e dois armazens, rua Direita, 97, (frente para o rio).

Quem pretender dirija-se a Frederico Mil-homens. (185)

Acções. Vendem-se quatro acções da armação de Bias. N'esta typographia se diz.

Lezirias do Guadiana. Vende-se uma decima sexta parte d'estas lezirias. Quem pretender dirija-se a Mathews Teixeira d'Azevedo, largo da Graça, 82, 1.º—Lisboa.

VENDEM-SE 22 acções da Companhia Távirense de Moagens e Massas a Vapor. N'esta redacção se diz. (206)

Potes de lata. Vendem-se ou alugam-se oito potes de lata de 70 alqueires cada um. Trata-se com Francisco Pedro Maldonado Senior, Távira. 193

Carro. Vende-se um de quatro rodas com cabeça de couro da Russia, em bom estado e muito leve, proprio para um só animal. Trata-se com Joaquim de Mello Trindade.—Távira. (154)

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

LIVRARIA = TAVIRA

ULTIMAMENTE:

O Genio portuguez aos pés de Maria, O tiro de caça, Leonor Telles, Casamento de conveniencia, Positivos e negativos photographicas.

EM ASSIGNATURA:

Collecção Camillo Castello Branco, O Manual do Operario, Os ultimos escandalos de Paris.

Collecção Economica—Cada volume. UM TOSTÃO

Romances de Dandel, A. Karr, Bouvier, Malot, Ohnet, Jules Mary, Champsaur, etc.

100 RÉIS CADA VOLUME — ROMANCES BARATOS!

GUIA PRATICO

DE ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

Commercial, bancaria, agricola e fabril

Pelo professor e perito commercial

Joaquim H. da Silveira Passos

Diplomado pela Escola do Commercio de Lisboa

ESTÁ em publicação semanal, em fasciculos, esta importante e util obra, destinada a habilitar, sem auxilio d'outros estudos e **sem mestre**, a organizar, seguir ou balancear a escripturação de qualquer casa commercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercer habilmente qualquer lugar de carteira e a concorrer com a precisa habilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O guia pratico ensina a resolver cerca de mil problemas varios sobre escripturação e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Calculo

Comprehende o ensino pratico das perações sobre: Numeros inteiros, decimales, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, systema metrico, regras de tres simples e compostas, regra da conjuncta, regras de companhia, de liga, de avarias, percentagens, juros, descontos, praso medio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos methodos directo, indirecto e hamburguez, cambios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papeis de credito e arbitragens.

2.º volume — Escripuração

Comprehende cinco modelos completos com todos os livros principaes e auxiliares, sendo todos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo uma escripta pelo systema de partidas singelas; 2.º Uma escripta d'uma casa commercial, contendo oito mezes de operações diversas pelo systema de partidas dobradas, com tres balanços; 3.º Uma escripta d'uma casa de commissões e consignações; 4.º Uma escripta d'uma industria explorada por uma sociedade anonyma; 5.º Uma escripta agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis. As assignaturas pode ser feitas por bilhete postal dirigido á empreza da publicação d'esta obra a Affonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, 1.º, ou em Távira, nos armazens de moveis de Justino A. Ferreira, rua Nova Grande, 25 a 53. (138)

Propriedade. Vende-se uma no sitio do Fôgo, d'este concelho, constando de terras de sementeira, vinha, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, oliveiras, etc. Quem pretender dirija-se a João Rodrigues Aragão, em Faro, rua Philippe Alistão.